



PUC
RIO

LIBIDO FAIRBAIRNIANA E DESEJO FREUDIANO

por

Fortunée Esses

TESE DE MESTRADO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

1973

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea

CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil

<http://www.puc-rio.br>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

LIBIDO FAIRBAIRNIANA E DESEJO FREUDIANO


por

FORTUNÉE ESSES

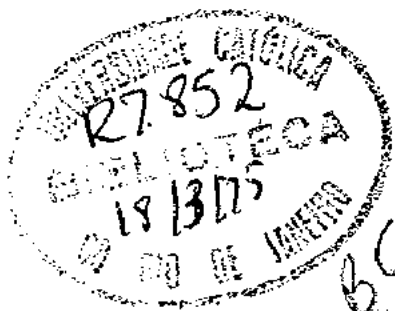
Tese submetida como requisito parcial

para a obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA APLICADA


Assinatura do Orientador

Rio de Janeiro, fevereiro de 1973



6C

24682

150

E 78L

TESE UC

UC-15043-2

150

Ao Dr. Carlos Paes de Barros meu
mais profundo reconhecimento pe-
lo permanente interesse com que
me distinguiu, atenuando minhas
dificuldades com sua indiscuti-
vel e rara cultura. Sua supervi-
são sustentou o entusiasmo neces-
sário ao desenvolvimento desta
tese, pelo que lhe sou infinita-
mente grata.

À CAPES

Ao Departamento de Psicologia da
PUC/RJ

E a todos que de alguma forma con-
tribuíram para a concretização
deste trabalho, meus agradecimen-
tos.

S U M Á R I O

Neste trabalho apresentaremos as reformulações propostas por FAIRBAIRN² em relação a vários conceitos freudianos, dentre eles, o conceito de libido que supostamente busca prazer. De acordo com FAIRBAIRN, a libido busca objeto e, portanto, a teoria freudiana de libido constituiria um hedonismo psicológico incapaz de explicar, satisfatoriamente, as relações objetais. Ainda segundo FAIRBAIRN, Freud também deixaria sem explicar, a natureza das forças em tensão, cuja descarga se acompanha de prazer. Esta concepção (supostamente) errônea de Freud decorreria da separação entre estrutura e energia, pois o ego seria uma estrutura, sem energia e o id seria um reservatório de energia, sem estrutura. FAIRBAIRN propõe então o conceito de "estrutura dinâmica".

Em consequência desta posição, FAIRBAIRN considera necessário reformular outros conceitos freudianos como, por exemplo, os de zonas erógenas, a falta de direção da libido, o bombardeio de estruturas passivas por hipotéticos impulsos e instintos, etc..

Ao criticar os conceitos freudianos, FAIRBAIRN pretendia estar introduzindo novas concepções teóricas que a seu ver corrigiriam sérios defeitos da teoria clássica, influenciada pelo fisicalismo helmholtziano.

O propósito deste trabalho é justamente mostrar, através de um estudo comparativo entre as duas teorias, que as supostas limitações da teoria clássica decorrem de uma apreciação precipitada do

que se supunha ser a "teoria clássica". As correções propostas por FAIRBAIRN são aplicáveis à teoria freudiana, como ela aparece _____ deformada _____ nas traduções em língua inglesa. A leitura do "Projeto"⁵ (publicado em 1950) e do texto original do cap. VII do "Die Traumdeutung"⁶ não deixa dúvidas a respeito: _____ Freud desenvolvera uma teoria de relações objetais e uma teoria de estruturas dinâmicas, ambas muito bem elaboradas.

S U M M A R Y

In this work we shall present the reformulations proposed by Fairbairn concerning several Freudian concepts, - including the concept of libido, which supposedly seeks pleasure. According to Fairbairn, libido seeks objects and; therefore, the Freudian theory of libido is considered a psychological hedonism, insufficient to explain in satisfactory terms the object relations. Furthermore, according to Fairbairn, Freud does not explain the nature of the forces under tension either, the discharge of which is accompanied by pleasure. Freud's (supposedly) erroneous concept of libido would have been originated from the separation between structure and energy, since the ego would be a structure without energy and the id would be a reservoir of energy without structure. Fairbairn then suggested the concept of "dynamic structure".

As a consequence of his position, Fairbairn considers it necessary to reformulate other Freudian concepts such as, those of erogenous zones, the undirectiveness of the libido, the bombardment of passive structures by hypothetical "impulses" and "instincts", etc..

By criticizing Freudian concepts, Fairbairn intended to introduce new theoretical concepts which, according to his point of view, would correct serious imperfections of the classic theory, influenced by Helmholtz's physicalism.

The purpose of this work is to show, through a comparative study of both theories that the supposed limitations of classic theory are derived from an erroneous evaluation of what was thought

to be the "classic theory". The corrections proposed by Fairbairn can only be applied to Freudian theory, as it appears, distorted, in the English translation. From an examination of the "Project" (published in 1950) and the original text of "Die Traumdeutung" we can see that Freud had already created a "theory of object relations" and a theory of "dynamic structure", both very well elaborated.

Í N D I C E

INTRODUÇÃO.....	Pág. 1
CAPÍTULO I - Teoria da Libido em Fairbairn.....	4
CAPÍTULO II - Teoria do Desenvolvimento de Freud	12
CAPÍTULO III - O Conceito de Libido em Freud....	21
CONCLUSÃO.....	27
BIBLIOGRAFIA.....	30

I N T R O D U Ç Ã O

Em sua exposição sobre a obra de FAIRBAIRN, afirma Guntrip²²⁻²⁴ que, já nos seus primeiros trabalhos, o pensamento de FAIRBAIRN se revela original e criativo.

Quanto à originalidade de FAIRBAIRN, podemos encontrar o depoimento de outro autor, Ernest Jones², que a considera indiscutível.

Familiarizados com a obra de FAIRBAIRN, também adotamos essa opinião quanto à sua teoria, tida no consenso geral como reformuladora da teoria psicanalítica, ponto de vista que também endossamos; convencidos de que a libido não busca prazer, mas objeto, defendemos esta conceituação baseada na obra de FAIRBAIRN em quem pudemos constatar tal formulação.

Para FAIRBAIRN², a teoria da libido de Freud contém uma limitação intrínseca que se propõe a reformular, visando o progresso da ciência psicanalítica. Considera que se deve transformar a teoria clássica da libido numa teoria do desenvolvimento baseada nas relações objetais, já que, na teoria clássica, a libido busca primariamente prazer e os processos mentais são considerados, conseqüentemente, como regidos por esse princípio hedônico.

Seus "insights" iniciais surgiram durante o tratamento de uma paciente que certa vez veementemente protestou:

"usted me está hablando siempre de que yo quiero satisfacer éste o aquel deseo, pero lo que yo realmente quiero es un padre" (p. 139).

Apesar de na prática, diz FAIRBAIRN, a maioria dos analis -
tas reconhecerem a importância das relações objetais, teoricamente
aderem à teoria clássica da libido.

Outro ponto fundamental de discórdia da teoria de Freud diz
respeito às estruturas endopsíquicas. FAIRBAIRN considera que na teor
ria freudiana a energia é teoricamente distinta de estrutura. O ego
e o superego são estruturas sem energia e o id é só fonte de energia,
sem estrutura. Esta posição freudiana é considerada por FAIRBAIRN com
mo insustentável e deve ser substituída pelo conceito de estrutura din
âmica.

Esses dois pontos básicos de divergência levaram FAIRBAIRN
à construção de sua teoria.

Recentemente, detendo-nos na leitura de um trabalho sobre o
assunto (Barros, 1971)¹, verificamos que estávamos enganados e que
Guntrip e Jones incorriam no mesmo erro.

Reportando-se ao "Projeto", publicação póstuma, e ao texto
original do "Die Traumdeutung", de Freud, Barros afirma que a "refor-
mulação" de FAIRBAIRN não teria ocorrido se ele estivesse familiarizada
do com essas fontes, onde Freud elabora os conceitos de "desejo" (que
busca objeto) e de "desejo-inibido-pelo-ego" (que é uma estrutura di-
nâmica).

Segundo Barros¹, o "princípio do prazer", de Freud, é um
conceito relacionado com a função neurônica secundária e desta forma,
pertence ao nível neurológico (Psi Nuclear).

Segundo Barros, portanto, FAIRBAIRN incorre em dois erros
quanto às suas afirmações em relação à teoria freudiana: confunde "im-

pulso" com "libido" e desconhece o conceito de "desejo".

Esse foi o ponto de partida para nosso trabalho, no qual nos propomos a apresentar um estudo comparativo entre a teoria da libido de FAIRBAIRN² e a de Freud³⁻²¹.

Reconhecer o esforço de FAIRBAIRN, na construção de sua teoria, nos parece uma atitude justificável, apesar de não ser original a sua contribuição, pois procurou clarificar e redefinir o que já estava explícito na teoria freudiana, desde o "Projeto" de 1895.

O mérito de FAIRBAIRN² consiste em suas contribuições à clínica, decorrentes de suas agudas observações em relação a pacientes esquizóides, independentes dos aspectos teóricos que lhe são atribuídos. Apesar deste tema não ser abordado em nosso trabalho não podíamos deixar de assinalá-lo, pois constitui a maior contribuição de FAIRBAIRN para a prática psicanalítica.

CAPÍTULO I

TEORIA DA LIBIDO EM FAIRBAIRN

Discordando da formulação original de Freud, em pontos fundamentais, FAIRBAIRN² apresentou sua conceituação de libido:

"... el principio primero del que derivan todas mis ideas espaciales puede ser formulado en la proposición general de que la libido no es primariamente búsqueda de placer, sino búsqueda de objeto" (p. 139).

Segundo FAIRBAIRN o prazer acompanha o alívio de tensão, mas independe das forças cuja tensão está sendo aliviada. O autor considera a busca de prazer um hedonismo psicológico, que não permite explicar satisfatoriamente as relações objetais, já que a busca de prazer tem como único fim o alívio de tensão libidinosa, não refletindo, portanto, a necessidade básica e primária de busca de objeto. A partir desta concepção FAIRBAIRN não considera a busca explícita de prazer uma conduta regressiva e sim deteriorada, uma vez que representaria o fracasso no estabelecimento de relações satisfatórias com os objetos.* Esta busca explícita de prazer, frequentemente utilizada, seria uma "válvula de segurança" para mitigar o fracasso dos fins libidinosos, ou seja, o fracasso no estabelecimento destas relações obje -

Balint critica a teoria da libido de FAIRBAIRN, partindo do pressuposto de que Freud encontrou dificuldade em achar um termo adequado para descrever a intensidade de um impulso e por isso utilizou a palavra "libido". Segundo Balint, FAIRBAIRN não teria proposto sua teoria se Freud tivesse utilizado o termo "Lust", pois assim, jamais poderia afirmar que "Lust" não busca prazer.

tais satisfatórias.

A afirmação freudiana de que a busca de prazer é inerente ao próprio estado de tensão, para FAIRBAIRN

"... se reduce al mero enunciado de que la tensión es la tensión, ya que la tensión naturalmente busca descarga, y la descarga naturalmente trae alivio, y este enunciado deja completamente sin respuesta a la cuestión de la naturaleza de las fuerzas bajo tensión, y la dirección o fin de estas fuerzas. También deja sin explicar la cuestión de hasta donde el alivio de la tensión, por si misma implica la realización del fin libidinoso" (p. 140).

Segundo FAIRBAIRN, Freud ao falar de fins libidinosos, definindo-os em função das zonas erógenas (orais, anais, etc.), afirma que as zonas erógenas são ditadoras desses fins. Na concepção de FAIRBAIRN as zonas erógenas devem ser consideradas, não como ditadoras dos fins, mas sim, como formas de lidar com os objetos. As zonas em questão são, portanto, órgãos corporais que servem como canais pelos quais podem se realizar os fins pessoais.* De acordo com isto, é o objeto que constitui a verdadeira meta libidinoso. Em síntese, FAIRBAIRN fala da necessidade de modificação da concepção de Freud de zonas erógenas, no sentido de que estas zonas não podem ser consideradas elas mesmas como fonte dos fins de busca de prazer, no interesse dos quais os objetos são utilizados mais ou menos incidentalmente, mas sim, devam ser consideradas como canais adaptados para a realização de fins libidinosos que tem sua origem no ego e que estão dirigidos para o estabelecimento de

* Foulkes concorda com FAIRBAIRN no que diz respeito à natureza social do homem, mas considera que o conceito biológico de Freud não é incompatível com a introdução dessa nova forma de abordagem.

relações satisfatórias com os objetos.

A modificação da concepção de zonas erógenas de Freud, sugerida por FAIRBAIRN, implica também em modificações no enfoque do princípio do prazer e do princípio da realidade. Vejamos como FAIRBAIRN situa o problema:

"... la concepción de zonas erógenas no hace justicia a la capacidad del individuo para pasarse sin la satisfacción placentera. Según las teorías clásicas esta capacidad debe ser atribuida: a) a la represión, o b) a la sustitución del principio de placer por el principio de realidad. En lo que respecta a la represión, por supuesto que no puede haber dudas de la influencia de esta técnica para capacitar al individuo a pasarse sin el placer y en realidad para promover el renunciamiento al placer" (p.141).

Uma vez que a libido, segundo FAIRBAIRN, é primariamente buscadora de objetos, se segue que a realidade externa deve orientar a conduta. Assim, a conduta é determinada desde o início pelo princípio de realidade. FAIRBAIRN, porém reconhece que isto não é evidente no bebê humano, uma vez que, no homem, em contraste com os animais, as pautas de conduta instintivas não são rígidas, assumindo a forma de tendências gerais que só adquirem uma pauta mais rígida e diferenciada como resultado da experiência. FAIRBAIRN afirma que o que falta à criança sobretudo é a experiência da realidade, e que é isto, mais que qualquer falta de orientação para a realidade, o que dá ao observador adulto a impressão de que a conduta da criança é primariamente determinada pelo princípio de prazer. A inexperiência da criança é acompanhada pela tendência a ser mais emotiva e impulsiva, ou seja, menos controlada que o adulto, e isto, combinado com as frustra

ções naturais com que se depara, leva-a a estar mais predisposta que o adulto a recorrer à conduta de alívio de tensão. Mas FAIRBAIRN considera errôneo concluir que a conduta do bebê é determinada primariamente pelo princípio de prazer e que deve ser logo substituído pelo princípio de realidade.

Segundo o autor, inicialmente o princípio de realidade é imaturo e, sob condições favoráveis à adaptação, amadurece à medida que se amplia a experiência. Assim, o princípio de realidade é essencialmente uma questão de grau de desenvolvimento. Em condições desfavoráveis, o princípio de realidade pode dar lugar ao princípio de prazer, como princípio secundário e deteriorado da conduta, com a finalidade de aliviar tensão e proporcionar satisfações compensatórias.

FAIRBAIRN ressalta também que a concepção freudiana de zonas erógenas faz pouca justiça à especificidade da busca instintiva de objetos, melhor observada em animais, mas em nenhum sentido comprometida, embora possa estar obscurecida, na adaptabilidade humana. Diz FAIRBAIRN:

"Desde el punto de vista de la psicología de relaciones objetales, es axiomático que ningún esquema del desarrollo libidinoso puede ser satisfactorio a menos que esté basado en la consideración de los objetos naturales y biológicos del individuo em desarrollo, en los di-
versos estadios" (p. 145).

FAIRBAIRN afirma que emprega o método psicanalítico de Freud de enfoque dos fenômenos, mas que seus princípios científicos subjacentes diferem, significativamente, dos dele. Considera como pontos centrais de diferenciação a falta de direção da libido de Freud e a

separação que este faz entre energia e estrutura. Diz FAIRBAIRN:

"Los puntos centrales de diferencia son des:

1. Aunque el entero sistema de pensamiento de Freud se ocupaba con las relaciones objetales, el se adhería teóricamente al principio de que la libido está primariamente interesada en la búsqueda de placer, esto es, en el alivio de su propia tensión. Esto significa que para él la libido teóricamente no tiene dirección, aunque algunos de sus enunciados implican indudablemente lo contrario. En contraste, yo me adhiero al principio de que la libido es primariamente búsqueda de objeto y que la tensión que pide ser aliviada es la tensión de las tendencias de búsqueda de objeto. Esto quiere decir que para mí la libido tiene dirección.

2. Freud encaró los problemas psicológicos desde el punto de vista a priori de que la energía psíquica es esencialmente distinta de la estructura. Por otra parte, yo he llegado a adoptar el principio de la estructura dinámica, en función del cual tanto la estructura separada de la energía como la energía separada de la estructura *son conceptos sin sentido" (p. 149)

A partir do momento em que se separa energia de estrutura, nos diz FAIRBAIRN, a única mudança psíquica prazenteira (não perturbadora) é a que produz o estabelecimento de um equilíbrio de forças, significando, portanto, uma mudança sem direção. As mudanças são essencialmente direcionais somente quando consideramos a energia inseparável da estrutura, pois as mudanças em relações estruturais e relações entre estruturas são as únicas mudanças inteligíveis e são essencialmente direcionais.

* Para Foulkes esta é a objeção mais importante de FAIRBAIRN. Porém, em contraposição ao pensamento de FAIRBAIRN, Foulkes considera uma separação imprescindível, afirmando que conceitos de grande importância, tais como fixação, deslocamento, sublimação dependem desta abstração.

FAIRBAIRN acha que a separação que Freud faz entre energia e estrutura representa uma limitação imposta a seu pensamento pela atmosfera científica geral de seu tempo, em grande parte dominada pela concepção helmholtziana.

O resultado desfavorável da separação entre energia e estrutura na teoria psicanalítica se reflete nos aspectos dinâmicos desta teoria, que tem estado impregnada de concepções de hipotéticos "impulsos" e "instintos" que, isolados, "bombardeiam" estruturas passivas.

Prossegue FAIRBAIRN:

"Pero desde el punto de vista de la estructura dinámica, el "instinto" no es el estímulo de la actividad psíquica, sino que él mismo, consiste en una estructura psíquica".
(p. 150)

Segundo a teoria da estrutura dinâmica de FAIRBAIRN, os termos instintos e impulsos só servem a um propósito útil quando empregados em forma adjetivada, isto é, quando se fala de uma "tendência instintiva" ou de "conduta impulsiva", já que é apenas neste sentido que fazem referência a uma estrutura psíquica por um lado, e a uma relação objetal por outro.

A concepção de estrutura endopsíquica a que FAIRBAIRN chegou difere consideravelmente daquela formulada por Freud, uma vez que se baseia, em última instância, na repressão dos objetos internalizados. Porém, se a repressão desses objetos não é levada em conta, afirma FAIRBAIRN, há uma correspondência geral entre suas concepções e a teoria freudiana. Assim, o ego central corresponde ao "ego" de Freud, e ego libidinoso ao "id" e o sabotador interno ao "superego". Mas,

"... subyacente a esta correspondencia hay una profunda diferencia de concepción, ya que las estructuras yoicas que yo concibo (esto es, el yo central y los dos yos subsidia-rios) son concebidas todas como estructuras intrinsecamente dinámicas, resultantes de la disociación de una estructura yoica dinámica, original y única, presente en el comienzo. En contraste, las tres partes del aparato mental, tal como las describe Freud, no son todas estructuras intrinsecamente dinámicas. Porque el "yo" se concibe, como una estructura sin energía por derecho propio, y el "ello" se concibe como una fuente de energía sin estructura. En lo que respecta al "superyo", su conducta es descrita, por cierto, en términos que implican que es una estructura dinámica: pero ya que se considera a toda la energía de la psique como proveniente en última instancia del "ello", se vuelve obvio que el "superyo", como el "yo", es realmente una estructura sin energía que extrae su energía de una fuente externa" (p. 148).

Em síntese, FAIRBAIRN considera que o pensamento de Freud evoluiu de uma teoria da conduta determinada pela busca de prazer ao germe de uma teoria de relações objetais da personalidade, a partir da conceituação do superego, segundo a qual a personalidade é concebida em função de relações entre o ego e objetos externos e internos.

Na concepção fairbairniana, qualquer teoria satisfatória do desenvolvimento do ego deve ser concebida em termos de relações com objetos e, em especial, com objetos que foram internalizados, durante o início da vida, sob a pressão da privação e frustração. Neste sentido, a repressão seria uma reação defensiva por parte do ego, não primariamente contra recordações desprazerosas intoleráveis (como

na primeira concepção de Freud), ou contra impulsos culposos intoleráveis (como na concepção posterior de Freud), mas contra objetos internalizados que parecem ao ego intoleravelmente maus. Concluindo, a repressão e a defesa moral (o superego), na formulação de FAIRBAIRN, são técnicas defensivas separadas, embora haja uma interação entre elas.

CAPÍTULO II

TEORIA DO DESENVOLVIMENTO DE FREUD

Para a compreensão adequada do conceito freudiano de desejo, é necessário rever a teoria do desenvolvimento esboçada por Freud no "Projeto"⁵, e elaborada através de seus trabalhos posteriores⁶⁻²¹, on de ele distingue dois tipos de neurônios, phi e psi, utilizando-os para explicar o funcionamento do aparelho psíquico.

I - O sistema neurônico phi é o mais primitivo e tem como função transmitir a energia recebida. Esta energia é proveniente de es tículos exógenos e é imediatamente descarregada. Ela apenas flui através desses neurônios que a descarregam, ocasionando simples descarga, ou fuga do estímulo quando este é nocivo ao organismo.

O funcionamento do sistema phi é regido pelo que Freud⁵ chamou de Princípio de Inércia, responsável pelo não armazenamento, nes te sistema, de quantidades de energia. Toda energia em phi aparece sob a forma de "corrente" (fluxo). Esse fluxo é sustentado em equi líbrio estacionário pela "entrada" de energia proveniente dos estímu los exógenos que é "compensada" pela "tendência" inerente a phi para o despojamento de qualquer energia que penetre em seu interior.

Ao funcionamento deste sistema, Freud chamou de Função Neurô nica Primária.

Barros¹ resume com bastante clareza as afirmações de Freud:

"The phi neuron system, pressed by the tendency to divest itself of Q and regulated by the principle of inertia, is the scene of action of the primary neuron function (discharge, or flight)" (p. 81).

II - Com o desenvolvimento filogenético surge o sistema neurônico psi. Este sistema recebe os estímulos das fontes endógenas (pulsões), e é capaz de reter certa quantidade de energia, porque possui "barreiras de contato", semipermeáveis.

O conceito de catexe (Basetzung) para Freud⁵, é o agrupamento dessas energias retidas pelos neurônios psi, oriundas das células somáticas. Onde, a definição proposta por Barros¹ para o conceito de catexe como energia total do sistema psi, aí armazenada graças à existência das "barreiras de contato".

III - Com a continuação do desenvolvimento filogenético, os neurônios psi se diferenciam em duas classes:

- os que são estimulados por fontes endógenas e constituem o sistema neurônico psi nuclear.

- os que são estimulados tanto por fontes endógenas (através de psi nuclear) quanto por fontes exógenas (através de phi) e constituem o sistema neurônico psi pallium.

O sistema neurônico psi nuclear mantém um nível constante de catexe que, quando é ultrapassado, faz surgir um impulso (Drang) para eliminar, ao longo de trajetórias motoras preformadas, o acréscimo de excitação. Este processo é chamado de função neurônica secundária.

Barros¹ resume o funcionamento deste sistema da seguinte for

ma:

"The nuclear psi neuronc system, pressed by the urge to discharge the accretion of excitation, and regulated by the principle of constancy, is the scene of action of the secondary neuronc function (adequate reflexes)" (p. 82).

As primeiras vias de descarga utilizadas são, segundo Freud⁵, as que conduzem à alteração interna (choro, expressão de emoções, inervação muscular). Porém, nenhuma descarga desse tipo é suficiente para fazer cessar a fonte de estimulação, a não ser a ação específica que conduz à satisfação da necessidade. Portanto, a experiência de satisfação é obtida quando o objeto adequado se apresenta e permite, através da ação específica, que a necessidade (fonte de estimulação) seja satisfeita (ato consumatório).

O sistema psi, por sua vez, pressionado pelas tendências internas do desenvolvimento e pela influência de fatores externos, evolui através das fases do desenvolvimento libidinal, conectando-se sucessivamente com as zonas erógenas apropriadas (oral, anal e fálica) por um lado, e com a inervação motora correspondente, por outro. A conexão de psi nuclear com a organização genital no desenvolvimento ontogenético posterior dependerá do desenvolvimento paralelo do sistema psi pallium e do ego⁵⁻²⁰.

O sistema neurônico psi pallium se caracteriza pela capacidade de memória, de aprendizagem associativa, de desejo e de repulsão afetiva.

São funções do pallium:

1. Reter as imagens mnômicas dos objetos exteriores percebidos por phi.
2. Reter as imagens cinestésicas dos movimentos reflexos.
3. Associar essas duas imagens, e o estado de tensão libidinal no sistema psi nuclear por meio de facilitações decorrentes da experiência de satisfação.
4. Evocar, quando os neurônios nucleares são energizados pelas pulsões somáticas, as memórias dos objetos de satisfação.
5. Manifestar, assim que as memórias dos objetos de satisfação sejam e vocadas, um desejo para restabelecer a identidade perceptual (para "buscar objeto", portanto).
6. Associar as memórias de objetos hostis e os neurônios secretores de pois de uma experiência de dor.
7. Excitar os neurônios secretores, que liberam um afeto desprazeroso, por ocasião da reativação (perceptual ou associativa) da imagem mnê mica do objeto hostil.
8. Manifestar uma repulsão ao objeto hostil, que consiste numa tendência a retirar a catexe de sua imagem mnêmica (defesa primária ou repressão).

Assim, após uma experiência de satisfação, ficam retidas no pallium as memórias do objeto de satisfação e do movimento reflexo da ação específica, ao mesmo tempo em que se estabelece uma facilitação entre estas duas imagens e o estado de tensão em psi nuclear. Desta forma, quando a necessidade torna a se manifestar, há um aumento de tensão em psi nuclear e são reativadas as imagens mnêmicas do objeto de satisfação, fazendo surgir o desejo de reperceber esse objeto.

Os neurônios ômega são admitidos por Freud⁵ como responsáveis pelas sensações de prazer ou desprazer, isto é, aspectos qualitativos da consciência. Um aumento de tensão em psi nuclear é captado por ômega, causando a sensação de desprazer. O prazer seria decorrente da sensação de descarga.

A experiência de dor produz em psi nuclear, através de neurônios secretores, um grande aumento do nível de tensão assinalado por ômega. Surge, então, um impulso à descarga e uma facilitação (associação) se produz entre a descarga e a imagem do objeto hostil. Assim, quando a imagem mnêmica do objeto hostil recebe nova catexe por um motivo qualquer (por exemplo, associação), os neurônios secretores são excitados, liberando um afeto desprazeroso. Ao mesmo tempo, manifesta-se uma tendência a retirar a catexe da imagem mnêmica do objeto hostil, processo esse designado por Freud como "defesa primária ou repressão". Assim como a defesa primária em relação à imagem mnêmica do objeto hostil se caracteriza pela repulsão desta imagem, o desejo produz uma atração em relação ao objeto desejado.

O conceito freudiano de desejo, como um impulso para restabelecer a percepção do objeto^{5,6}, é considerado por Barros¹ como:

"... a truly Object Relations construct (in Guntrip's sense), equivalent to Fairbairn's object-seeking libido" (p.83).

Negligenciado, o conceito de desejo (Wunsch) tem sido constantemente confundido com os conceitos de impulso (Drang) e pulsão (Triebkraft). Continuando com Barros, podemos ver que o conceito de desejo é um conceito psicodinâmico (localizado no sistema psi-pallium) que deve ser criteriosamente distinguido do conceito de pulsões (localiza

das no soma) e do conceito de impulso para a descarga (localizado no sistema psi-nuclear).

Barros¹ resume o funcionamento de psi pallium da seguinte forma:

"The pallium psi neuronie system, pressed by the wishful impulse and by the tendency to primary defense, and regulated by what be called the "principle of object relations", is the scene of action of the primary psychic processes (Wish fulfillment and primary defense)"(p. 84).

Este sistema, segundo Barros, corresponde ao id das formulações posteriores a 1920. Extremamente complexo, rico em mecanismos aprendidos e inatos, o psi pallium é um sistema estruturado e não um caos de pulsões.

IV - Pressionado pela ameaça de desprazer, o sistema neurônico aprende (filogeneticamente) a inibir o processo psíquico primário, a fim de evitar situações biologicamente prejudiciais, possibilitando, assim, as indicações de realidade. A esta nova organização Freud chamou de ego^{5,6,9,13}.

A maturação da estrutura potencial do ego é atualizada por experiências ontogenéticas. O desejo e a tendência à repressão são dois processos que permitem o estabelecimento desta organização no sistema neurônico psi.

Freud, no "Projeto"⁵, define o ego:

"... como a totalidad de las catexias Ψ existentes en un momento da do..." (p. 914).

que inclui, também, as facilitações entre os neurônios psi (Ψ) já que é, entre outras, uma das possibilidades de determinar a extensão do ego num dado momento.

O ego procura se livrar de suas catexes através da satisfação da necessidade. Para alcançá-la lança mão da inibição, no sentido de não permitir que a tensão seja descarregada, sem distinção, diante do objeto real ou alucinatorio: exige a presença do objeto real. Na evocação de memória de objeto hostil, a ação inibidora do ego é exercida em relação à passagem da quantidade de energia da imagem mnêmica ao desencadeamento do desprazer. A ação inibidora do ego é feita através da catexe lateral, isto é, pela modificação do curso da corrente de energia.

No processo primário, a catexe do objeto quando atinge certo nível leva à percepção alucinatoria do objeto, acarretando a deflagração da descarga em psi nuclear (prazer), sem, no entanto, alcançar satisfação, pois o objeto não existe na realidade. Inicialmente, psi é incapaz de fazer a distinção entre percepção e representação. Quanto à estimulação da imagem mnêmica do objeto hostil, psi também é incapaz de efetuar a inibição, o que acarreta um grande desprazer e uma excessiva defesa primária.

A inibição exercida pelo ego é o que facilita a utilização de um critério para distinção entre percepção e imagem mnêmica. A experiência biológica ensina a não se iniciar a descarga enquanto não há o sinal de realidade e a não estimular excessivamente as imagens mnêmicas desejadas. Somente quando surge o sinal de realidade é que se faz a descarga na direção da ação específica (reflexo adequado). Se

o sinal de realidade é de ameaça de afeto desprazeroso, o ego produz uma defesa de magnitude normal por meio de uma catexe lateral intensa. Este processo é designado por Freud como processo psíquico secundário.

O sinal de realidade que chega a psi é proveniente de uma descarga em ômega. Se a imagem mnêmica é ativada de tal forma que leve à percepção alucinatoria do objeto desejado (processo psíquico primário) o sinal dado por ômega será igual ao que se segue à percepção exterior. Porém, quando o ego está em funcionamento inibe a catexe da imagem mnêmica do objeto desejado e a deflagração da descarga em ômega só ocorrerá diante da percepção externa, isto é, real.

Barros¹ descreve, em poucas palavras, o funcionamento deste processo:

"The ego-inhibited pallium psi neuronal system, pressed by the secondary wishful impulses and regulated by the principle of reality, is the scene of action of the secondary psychic processes (that lead to the specific action and to the satisfaction of the needs)" (p. 84).

E conceitua desejo-inibido-pelo-ego (desejo preconsciente)

como:

"... the complex set of inhibitions and facilitations of the ego, capable of releasing the bound cathexes when the indications of the presence of the real object are signaled by the omega neurones and of channeling them into the appropriate motor pathway of the specific action that will lead to the satisfaction of the biological needs" (p. 87).

Em síntese, inteiramente desenvolvido

"The pallium system plus the ego constitute Freud's psychic apparatus. The secondary wishful impulses, in turn, constitute the subject matter of the so-called psychoanalytic theory of drives (or instinct theory). These ego-inhibited impulses are, no doubt, "the derivatives of the drives" (instincts), but this does not mean that they should be called drives, let alone the designations instincts and instinctual drives"(P.84).

Em "Freud's Theory of the Somatic Drives" (p. 86), Barros¹ afirma que Freud propôs as glândulas sexuais como a principal fonte do "input" energético do aparelho psíquico. Isto não significa, diz Barros, que as pulsões (Triebe) sejam o objeto de estudo da "teoria instintiva" de Freud (Triebtheorie), pois esta tem como objeto de estudo o desejo secundário, "um derivativo das pulsões" (Abkommling der Triebe).

CAPÍTULO III

O CONCEITO DE LIBIDO EM FREUD

Libido é um termo latino que significa vontade, desejo. Foi introduzido por Freud na Psicanálise para designar a manifestação dinâmica da sexualidade, a partir do trabalho de A. Moll⁸, "Investigaciones sobre la "libido sexualis", de 1898. Entretanto, Laplanche e Pontalis²⁶ afirmam que Freud já o havia utilizado antes de Moll em diversas cartas e manuscritos dirigidos a Flies, sendo encontrado pela primeira vez, por volta de junho de 1894, no Manuscrito E³.

Para Freud, a pulsão sexual, como qualquer outro tipo de pulsão, é um processo psicofísico, com manifestações corporais e psíquicas⁶⁻²¹. Por "libido" entendia essencialmente estas últimas, independente das formas em que se apresentassem. Assim a descreve:

"Llamamos "libido" - apetito sexual a la fuerza que representa al instinto sexual en la psique y la consideramos semejante a la del hombre, de la voluntad de poder y de otros impulsos semejantes de la esfera de las tendencias del yo" (p. 30).

Pela falta de precisão em suas definições há parágrafos seus, nos diz Jones²⁵, que dão a impressão de que libido pode ser equivalente, em suas manifestações psíquicas e corporais, à pulsão sexual.

"Es así como la define en una parte como "la energia por la que se expresa el instinto sexual" (p. 300).

Esta falta de precisão levou Jung²⁵ a solicitar a Freud uma definição mais clara, ao que Freud respondeu não poder lhe oferecer

nada melhor do que já o havia feito.

Em seus primeiros escritos, entretanto, Freud utiliza o conceito de libido como nitidamente distinto do de pulsão sexual (somática).

Em suas tentativas para explicar os processos psíquicos como baseados em pulsões elementares, opõe inicialmente às pulsões sexuais as pulsões do ego (tendências de autoconservação)⁷. Estas conclusões são decorrentes do primeiro objeto de estudo da psicanálise, as neuroses de transferência (a histeria e a neurose obsessiva)⁴.

A distinção entre as manifestações das tendências do ego e as das tendências sexuais são o ponto de partida das investigações de Freud. Dá o nome de "libido" à energia que, através do ego, reveste os objetos de suas tendências sexuais e o de "interesse" à energia que emana da pulsão de conservação.

A análise das perversões e das psiconeuroses levou Freud a concluir que a excitação sexual não é produzida somente pelos órgãos sexuais, mas por todo o corpo, sendo as principais fontes de pulsão sexual as chamadas zonas erógenas⁷. A pulsão sexual passa a ser algo composto, podendo-se decompor em pulsões parciais, caracterizadas por suas respectivas fontes, isto é, pela região do soma da qual extrai seu estímulo. Em cada pulsão parcial pode-se também, distinguir uma fonte e um fim. O fim das pulsões sexuais é, sempre o de obter a satisfação da necessidade. O objeto de satisfação, que a princípio parecia estar firmemente vinculado à pulsão, podia facilmente ser trocado por outro objeto exterior, como também se orientar para a própria pessoa. As pulsões parciais podem permanecer independentes ou então

se combinarem. Também podem transferir suas cargas de libido obtendo assim, uma satisfação substituta.

Dos destinos das pulsões sexuais Freud⁸ considera a sublimação como o mais importante. Na sublimação, o objeto e o fim são substituídos por outros de forma que a satisfação é encontrada numa função não sexual e mais elevada sob o ponto de vista ético e social.

Próximas à sublimação encontram-se as tendências sociais do indivíduo, mas que não merecem o qualificativo de sublimadas, pois os fins diretamente sexuais não são abandonados e sim impedidos, pela repressão, de serem alcançados. As formas aproximadas de satisfação encontradas são as responsáveis pelos vínculos firmes e duradouros entre os seres humanos.

Em "Uma Teoria Sexual"² (Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie", 1905) conceitua libido

"... como una fuerza cuantitativamente variable, que nos permite medir los procesos y las transformaciones de la excitacion sexual. Separamos esta libido, por su origen particular, de la energia en que deben basarse los procesos anímicos, y, por tanto, le atribuimos también un carácter cualitativo" (p. 805).

Portanto, além da característica quantitativa, Freud atribui à libido um caráter qualitativo, discriminando-a, por sua origem nas pulsões sexuais, de outras formas de energia de caráter distinto que atuam no psiquismo.

A libido do ego é considerada, inicialmente, como inacessível ao estudo analítico, a não ser quando é investida nos objetos sexuais (libido do objeto). Em oposição à libido do objeto, denomina a libido do ego de libido "narcisista"⁷.

O narcisismo é definido como o "complemento libidinoso do egoísmo". O egoísmo é o que é útil para o indivíduo, enquanto o narcisismo inclui a satisfação libidinoso.

Freud afirma que a partir da análise de esquizofrênicos e de psicóticos com outras afecções foi pouco a pouco se familiarizando com a idéia de que a libido aderida aos objetos, buscando através deles a satisfação, pode retirar seu investimento dos objetos e substituí-los pelo próprio ego. Considera que isto não pode constituir um episódio excepcional, sendo maior a probabilidade do narcisismo ser um estado geral e primitivo. Isto é reforçado pela existência, durante o processo de desenvolvimento individual, de um período em que as tendências sexuais encontram satisfação no próprio corpo. O auto-erotismo é a atividade sexual desta fase narcisista.

O ego passa a ser considerado como um grande depósito de libido³ do qual partem as emanções aos objetos e ao qual podem retornar. O narcisismo é considerado como tendo origem na primeira infância (narcisismo primário) e é encoberto por suas posteriores emanções, mas permanece latente. O retorno da libido investida no objeto, em direção ao ego, constitui o narcisismo secundário.¹⁰

Mediante esta nova hipótese, Freud modifica a primeira fórmula das neuroses de transferência, considerada como resultante do conflito entre pulsões sexuais e pulsões do ego, para conflito entre libido do ego e libido do objeto ou, por terem a mesma natureza, entre investimento de objeto e investimento do ego.

Freud⁸ admite que em circunstâncias normais a libido do ego encontra facilidades em se transformar em libido objetal e vice-ver-

sa.

O retorno da libido do objeto não é em si um fato patológico; só o é quando isto se dá por um determinado processo em que o retorno da libido aos objetos fica impedido.

O investimento de libido dos objetos é explicado por Freud, como uma necessidade do ego para evitar estados patológicos, pois o ego só pode suportá-la até um determinado nível. Afirma também a existência de uma oposição quantitativa entre libido do ego e libido do objeto: quanto maior uma, menor a outra.

Considera Freud que a psicanálise só pode prosseguir na teoria da libido por um caminho especulativo. A ampliação deste tema, insiste Freud⁷, só pode ser realizada em outras esferas: Biologia, Fisiologia, Sociologia.

Posteriormente, quando Freud admite apenas a pulsão de vida (Eros) e a pulsão de morte como responsáveis pela vida anímica,¹⁵ introduz a hipótese de que a provisão da libido narcisista é libido dessexualizada¹⁶, isto é, abandona seus fins sexuais e, portanto, pode ser chamada de sublimada.

Modifica a teoria do narcisismo, considerando que a libido se acumula no id, enquanto o ego vai se desenvolvendo. O id emprega parte deste libido em catexes do objeto e quando o ego fica mais forte tenta se apoderar da libido do objeto e se impor ao id como objeto erótico¹⁶.

Em Barros¹ (p. 99) encontramos resumidamente as características mais importantes do conceito de libido de Freud: libido é a energia que tem sua origem na atividade química das glândulas sexuais⁷ e

UNIVERSIDADE CATÓLICA
R.7.852/18.3.75

que compõe, com outras formas de energia, a "energia psíquica" total⁵; é a libido que energiza o grupo de idéias sexuais da psiqué. Acrescenta que, esta forma de energia, chamada energia libidinal ou libido, investigada cuidadosamente por Freud, foi identificada com a energia psíquica total^{10,12,13}, no período entre os escritos de meta psicologia (1915) e a publicação de "Além do Princípio do Prazer" (1920).

C O N C L U S Ã O

As idéias de FAIRBAIRN derivam do princípio de que a libido não busca primariamente prazer, mas sim objeto. Considera uma limitação intrínseca da teoria freudiana a exclusividade da busca de prazer pela libido.

Como vimos, a libido em Freud é apenas um tipo de energia que tem origem nas pulsões sexuais (somáticas) que, juntamente com outras formas de energia de caráter distinto, vão compor a energia total do aparelho psíquico. Portanto, o conceito de libido de Freud se restringe apenas à distinção de uma forma de energia, e como tal, não busca coisa alguma. Os conceitos dinâmicos, vetoriais, na teoria freudiana são os de impulso (Drang) e o de desejo (Wunsch). Estes sim, buscam algo.

Ao impulso para descarga do sistema neurônico psi nuclear corresponde o princípio do prazer. A função neurônica secundária, em obediência ao princípio de constância, busca descarga da tensão de origem somática que ultrapassou o limiar do sistema neurônico psi nuclear, isto é, busca prazer. Embora conectado com o aparelho psíquico por elos associativos, ele não faz parte do mecanismo psíquico. Assim, o prazer em Freud depende da descarga da função neurônica secundária (de psi nuclear) e independe do alívio de tensão no aparelho psíquico (psi pallium).

A suposição de FAIRBAIRN de que a libido freudiana busca prazer aplica-se, como nos diz Barros, ao conceito de impulso, pertinente ao sistema neurônico Psi-nuclear.

Podemos constatar na teoria freudiana um hedonismo concomitante, ocasionado pelas descargas na função neurônica secundária. Porém, a teoria freudiana não pode ser reduzida a esse hedonismo como quer FAIRBAIRN, pois o aparelho psíquico busca a "identidade perceptual", isto é, a satisfação do desejo de re-perceber o objeto.

Em Freud constatamos, portanto, que o aparelho psíquico, movido pelo desejo, busca objeto, enquanto o Psi-nuclear, movido pelo impulso, busca prazer.

Pelo dito, verificamos que FAIRBAIRN constrói uma teoria fundada numa visão deformada do princípio do prazer e no desconhecimento do conceito de desejo, de Freud. Isto, em parte, se justifica não só porque FAIRBAIRN ignorava os trabalhos até então inéditos de Freud ("Projeto") como também pela falta de rigor do próprio Freud no uso de seus conceitos mais importantes. Aliás, esta falta de rigor pode ser verificada na "Interpretação dos Sonhos" (capítulo VII), onde os sonhos são considerados como realização de desejo, em obediência ao princípio do prazer! Barros, nos fala também de confusões ocasionais feitas por Freud em relação aos conceitos de "impulso" (Drang) e "desejo" (Wunsch).

Quanto à afirmação de FAIRBAIRN de que Freud deixa sem resposta "a questão da natureza das forças sob tensão" é uma afirmação gratuita.

Tivemos ocasião de verificar que a natureza dessas forças está claramente delineada nos quatro níveis de desenvolvimento do aparelho psíquico da teoria freudiana.

O único processo de transformação que FAIRBAIRN encontra na teoria freudiana é a que produz o estabelecimento de um equilíbrio de forças que, segundo ele, é um processo sem direção.

Ora, a busca de equilíbrio é a própria do impulso (Drang) da função neurônica secundária e este é um conceito direcional no sentido de que busca descarga através das trajetórias motoras preformadas.

FAIRBAIRN alega que, em oposição a Freud, sua libido tem direção, pois a "tensão que pode ser aliviada é a tensão das tendências de busca de objeto".

Além disso, o conceito de desejo, de Freud, é também um conceito direcional, no sentido de busca de objeto, não havendo, portanto, dita oposição.

Como Barros afirma e podemos constatar, a dinâmica de Freud é inseparável de estrutura, apesar da opinião contrária de FAIRBAIRN. O sistema neurônico psi-pallium já é, sem dúvida, uma estrutura dinâmica.

Infelizmente, parece que FAIRBAIRN não teve oportunidade de avaliar a teoria clássica em toda sua profundidade e riqueza, dando-se então ao trabalho de construir uma teoria que, na realidade, já existia na Psicanálise freudiana, desde 1895.

B I B L I O G R A F I A

1. Barros, C.P., Thermodynamic and Evolutionary Concepts in the Formal Structure of Freud's Metapsychology, in Arieti, S. (Ed.), The World Biennial of Psychiatry and Psychotherapy, Basic Books, Inc., New York, 1971.
2. Balint, M., Criticism of Fairbairn's Generalization about Object-Relations, Brit. J. Phil. Sc., 7(1957), 323-324.
3. Fairbairn, W.R.D., Estudio Psicoanalítico de la Personalidad, Ediciones Hormé, S.A.E. Editorial Paidós, Buenos Aires, 1966.
4. Foulkes, S.H., Comments on Fairbairn's Paper, Brit. J. Phil. Sc.,
5. Freud, S., Los Orígenes del Psicoanálisis, (1887-1902), em Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1948.
6. Freud, S., La Neurastenia y la "Neurosis de Angustia", (1895), em Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1948.
7. Freud, S., Proyecto de Una Psicología para Neurologos, (1895), em Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1948.

8. Freud, S., La Interpretación de los Sueños, (1901), en Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1948.
9. Freud, S., Una Teoría Sexual, (1905), en Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1948.
10. Freud, S., Esquema del Psicoanálisis, (1910), en Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1948.
11. Freud, S., Los dos Principios del Suceso Psíquico, (1911), en Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1948.
12. Freud, S., Introducción al Narcisismo, (1914), en Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1948.
13. Freud, S., La Represión, (1915), en Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1948.
14. Freud, S., Lo Inconsciente, (1915), en Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1948.
15. Freud, S., Los Instintos y sus Destinos, (1915), en Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1948.
16. Freud, S., Introducción al Psicoanálisis, (1916-1917), en Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1948.
17. Freud, S., Más Allá del Principio del Placer, (1920), en Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1948.

18. Freud, S., El "yo" y el "Ello", (1923), em Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1948.
19. Freud, S., El Final del Complejo de Edipo, (1924), em Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1948.
20. Freud, S., El Problema Económico del Masoquismo, (1924), em Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1948.
21. Freud, S., Nuevas Aportaciones al Psicoanálisis, (1933), em Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1948.
22. Freud, S., Análisis Terminable e Interminable, (1937), em Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1948.
23. Freud, S., Esquema del Psicoanálisis, (1938), em Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1948.
24. Guntrip, H., Estructura de la Personalidad e Interacción Humana, Editorial Paidós, Buenos Aires.
25. Guntrip, H., The Concept of Psychodynamic Science. International Journal of Psychoanalysis, 48, (1967), 32-43.
26. Guntrip, H., The Object-Relations Theory of W.R.D. Fairbairn, em American Handbook of Psychiatry, Silvano Arieti Editor, Basic Books, 1966.
27. Jones, E., Vida y Obra de Sigmund Freud, Editorial Nova, S.A., Buenos Aires.
28. Laplanche, J., Pontalis, J.B., Vocabulário de Psicanálise. Moraes Editores, Lisboa, 1970.

Tese apresentada aos Professores:



Carlos Paes de Barros



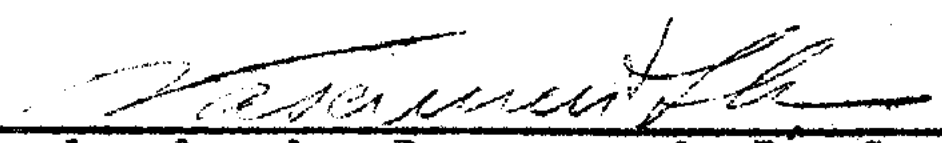
Samuel Menezes Faro



Monique Rose-Aimée Augras

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro 31/ 5/ 73



Coordenador dos Programas de Pós-Graduação e Pesquisa do Centro de Teologia e Ciências Humanas